

DINÂMICA SOCIOESPACIAL DAS FEIRAS LIVRES EM BOA VISTA-RORAIMA-BRASIL: A FEIRA DO GARIMPEIRO E A FEIRA DO PINTOLÂNDIA

Socio-spatial dynamics of free fairs in Boa Vista-Roraima-Brazil: the Garimpeiro fair and the Pintolândia Fair

Dinámica socioespacial de las ferias libres en Boa Vista-Roraima-Brasil: la feria del garimpeiro y la feria del Pintolândia



Jefferson Silva de SOUZA – Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil.
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9353-1331>.
URL: <http://lattes.cnpq.br/1133531184633868>
EMAIL: jeff_sds@live.com

RESUMO

Neste artigo científico, buscou-se caracterizar a dinâmica socioespacial de duas importantes feiras livres da cidade Boa Vista, capital do estado de Roraima, que são: a feira do Garimpeiro e a feira do Pintolândia. Ambas são classificadas como feiras livres móveis, pois ocorrem apenas em dias e horários específicos, que foram determinados pela prefeitura local, em comum acordo com os feirantes que ali exercem as suas atividades. Em relação à metodologia empregada, o referido estudo é de caráter descritivo, sendo elaborado por meio de pesquisa bibliográfica, utilizando-se de documentos oficiais, sites e revistas, além de referenciais teóricos de autores que abordam o tema em questão. Neste sentido, ficou evidente que em Boa Vista-RR, as feiras livres desempenham um importante papel na economia local, movimentando, principalmente, aos finais de semana uma boa parcela da população, que vão em busca de produtos com preços mais acessíveis. Ao longo do tempo, as feiras livres da cidade de Boa Vista ganharam corpo e atualmente se estabeleceram em determinados locais, apresentando uma dinâmica de sociabilidade comum a todos esses ambientes onde as relações socioespaciais se desenvolvem, dentro de uma cumplicidade e em prol de um objetivo comum que é conseguir obter êxito na venda de produtos variados.

Palavras-chave: Boa Vista; Espaço Urbano; Dinâmica Socioespacial; Rua; Feiras Livres.

ABSTRACT

In this scientific article, we sought to characterize the sociospatial dynamics of two important free fairs in the city of Boa Vista, capital of the state of Roraima, which are: the Garimpeiro fairs and the Pintolândia fair. Both are classified as mobile free fairs, as they occur only on specific days and times, which were determined by the local city hall, in common agreement with the marketers who perform their activities there. Regarding the methodology used, the referred study is of a descriptive character, being elaborated through bibliographic research, using official documents, websites and magazines, in addition to theoretical references of authors that approach the subject in question. In this sense, it was evident that in Boa Vista-RR, open markets

Histórico do artigo

Recebido: 07 janeiro, 2021

Aceito: 19 abril, 2021

Publicado: 23 abril, 2021

play an important role in the local economy, moving mainly on weekends a good portion of the population, who go in search of more affordable products. Over time, the free fairs in the city of Boa Vista have gained body and are currently established in certain locations, presenting a dynamic of sociability common to all these environments where socio-spatial relations develop, within a complicity and in favor of a goal common goal of successfully selling a variety of products.

Keywords: Boa Vista; Urban Space; Socio-Spatial Dynamics; Street; Free Fairs.

RESUMEN

En este artículo científico, buscamos caracterizar la dinámica socioespacial de dos importantes ferias libres en la ciudad de Boa Vista, capital del estado de Roraima, que son: las ferias del Garimpeiro y la feria del Pintolândia. Ambos se clasifican como ferias libres móviles, ya que ocurren solo en días y horarios específicos, los cuales fueron determinados por la prefectura local, de común acuerdo con los comercializadores que allí desarrollan sus actividades. En cuanto a la metodología utilizada, el referido estudio es de carácter descriptivo, siendo elaborado a través de investigación bibliográfica, utilizando documentos oficiales, sites y revistas, además de referencias teóricas de autores que abordan el tema en cuestión. En este sentido, fue evidente que en Boa Vista-RR, las ferias libres juegan un papel importante en la economía local, moviendo principalmente los fines de semana a una buena parte de la población, que va en busca de productos más asequibles. Con el tiempo, las ferias libres en la ciudad de Boa Vista han ido ganando cuerpo y actualmente se instalan en determinadas localizaciones, presentando una dinámica de sociabilidad común a todos estos ambientes donde se desarrollan las relaciones socioespaciales, dentro de una complicity y a favor de un objetivo común de vender con éxito una variedad de productos.

Palabras-clave: Boa Vista; Espacio Urbano; Dinámica Socioespacial; Calle; Ferias Libres.

1 INTRODUÇÃO

As feiras livres se caracterizam como locais onde se comercializam produtos do setor agropecuário, extrativista, bem como, produtos artesanais, manufaturados, alimentícios, entre outros. Almeida (2009) esclarece que as feiras livres têm sua origem na antiguidade, pois segundo o mesmo, algumas fontes históricas dão fortes indícios de que esta atividade econômica já era exercida entre alguns povos, tais como, os Astecas, os Gregos e os Romanos.

Por sua vez, Barbosa et al (2011) relatam que essa modalidade de comércio além de ser muito antiga, ganhou importância a partir da Revolução Comercial no século XX, sendo que a mesma sempre foi incentivada pelas autoridades da época, devido ao movimento que a respectiva atividade gerava, e principalmente em decorrência do lucro que era gerado.

Assim, as feiras livres são importantes no sentido de proporcionarem uma diversidade de mercadorias e preços relativamente mais baixos. Tais características, não somente permitem o encontro de pessoas do local ao qual estão inseridas, mas também

atende as necessidades das classes menos favorecidas. Neste sentido, Costa e Santos (2016) enfatizam que apesar de se caracterizarem como uma forma de atividade de tempos remotos, as feiras livres se manifestam na atualidade, tanto nos pequenos como nos grandes centros urbanos. Estas se mantêm no espaço geográfico não somente por sua lógica tradicional, mas devido as ações dos agentes sociais que equilibram a organização das feiras livres com as recentes características do comércio moderno.

As feiras livres apresentam-se na forma de varejo tradicional, quase que sempre ocorrendo em vias públicas, ao ar livre, em locais estratégicos, e em dias determinados. Considera-se ainda que a formação de excedente de produção dos produtores agrícolas, pode ser uma das principais causas de sua origem (COELHO, 2009).

Neste sentido, as feiras livres se materializam como formas comerciais dentro de um viés socioeconômico e cultural, e que ainda resistem no espaço e no tempo, apesar do acentuado desenvolvimento das práticas comerciais da sociedade moderna. Mesmo com o acesso aos supermercados, hortifrutigranjeiros, e, inclusive as facilidades de compras virtuais que oferecem todo conforto, comodidade, horários flexíveis e facilidades de pagamento, as feiras livres conseguem se manter presentes, tanto nas pequenas como nas grandes cidades.

Neste mesmo viés, Mascarenhas e Dolzani (2008) citam que as feiras livres destoam na paisagem urbana contemporânea das cidades, mas mesmo assim resistem nessa paisagem. Pode-se dizer que, por dois motivos: por um lado há os que precisam sobreviver materialmente (feirantes), e por outro lado há aqueles que zelam pela sobrevivência sociocultural.

Reforçando a lógica tradicional das feiras livres, Morelli (2011) afirma que estas se apropriaram dos espaços públicos e trazem uma movimentação atraente para ruas e praças, e mais do que lugares onde se comercializam produtos, há a troca de cultura e afetividade entre as pessoas, assim a mesma ressalta o valor cultural da feira livre e ainda aponta para seu valor histórico ao indagar o quão curioso é pensar que uma solução de distribuição de alimentos que surgiu em tempos remotos, ainda seja condizente com os parâmetros urbanos atuais.

No Brasil, acredita-se que as feiras livres tiveram início desde os tempos coloniais, e que apesar dos tempos atuais, elas mantiveram-se, sendo que em muitas localidades do interior do país elas se apresentam como o único local de comércio da população. Mascarenhas e Dolzani (2008, p.4) afirmam que as feiras livres no Brasil são vistas como “modalidades de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizadas como

serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltadas para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos”.

Em Boa Vista, capital do estado de Roraima, as feiras livres desempenham um importante papel não só no que se refere ao aspecto de fomento da economia local, mas também por conta de sua importância cultural, tanto a nível local, como a nível nacional, sendo que tal prática se manifesta no espaço, permitindo que as relações sociais se tornem mais próximas. Dentre as feiras livres mais tradicionais e presentes na cidade de Boa Vista, temos: a Feira do Garimpeiro, Feira do Pintolândia, Feira do Produtor Rural, Feira do Passarão, Feira do São Francisco e Feira do São Vicente.

Atualmente, existem novas feiras livres na capital, que foram regulamentadas pelo poder público local nos últimos anos, pois muitas delas funcionavam de forma irregular e sem a estrutura adequada para o exercício desse tipo de atividade, como é o caso da feira do Feira do Conjunto Habitacional Pérola do Rio Branco, no Bairro Dr. Airton Rocha; Feira do Residencial Vila Jardim, no bairro Cidade Satélite; e a Feira do Conjunto Cidadão, localizada no Bairro Laura Moreira. A primeira foi regulamentada no ano de 2017 e as outras duas em 2018 (JORNAL FOLHA DE BOA VISTA, 2018).

Em relação à escolha da feira do Garimpeiro e feira do Pintolândia como objetos de estudo da presente pesquisa, e partindo, primeiramente, do ponto de vista pessoal e social, ressalta-se que como sujeito frequentador e consumidor de ambas as feiras livres, foi possível acompanhar o desenvolvimento e consolidação de ambas ao longo dos anos, e desta forma, a dinâmica socioespacial dos locais onde ambas estão inseridas. Do ponto de vista científico, o presente estudo trará uma nova visão sobre o assunto e também poderá oferecer subsídios para outras pesquisas que venham a ser desenvolvidas com o mesmo viés.

Neste sentido, temos na cidade de Boa Vista duas importantes feiras livres e que movimentam milhares de pessoas todos os sábados e domingos. Estas acontecem em determinadas localidades do município e apresentam características que fazem delas um espaço compartilhado. Portanto, este estudo traz diversas características de ambas as feiras livres supracitadas, que vão desde a gênese de formação, os principais produtos comercializados, dias e horários de funcionamento, bem como, o papel do poder público na regulamentação e organização das mesmas, entre outros aspectos relevantes.

Sobre a metodologia empregada, este artigo apresenta-se como um estudo descritivo de natureza bibliográfica. Sendo assim, Gil (2006) destaca que esse tipo de pesquisa propicia ao investigador constatar e avaliar as relações entre as variáveis, na

medida em que elas se manifestam espontaneamente nos fatos já existentes. Para tanto, utilizou-se como base bibliográfica, os seguintes documentos: livros, revistas, jornais, dissertações, anais de eventos científicos, entre outros.

2 A RUA COMO LOCAL DE COMÉRCIO NO CONTEXTO DAS FEIRAS LIVRES

A rua, além de servir de caminho público para a circulação de pessoas e de veículos, pode ser entendida como um instrumento que permite a leitura de uma cidade dentro das mais diversas perspectivas. Assim, Carlos (2007a, p. 52) afirma que “os usos da cidade vistos através da rua permitem perceber os tempos simultâneos. Ela guarda múltiplas dimensões”.

Ainda conforme Carlos (2007a) a rua pode ter sentido de mercado, aquele vinculado à troca com destino, o que nos remete a crer que aqui é o lugar da feira, que reúne pessoas, a rua ocupada pelos camelôs, fato este que pode ser notado nas mais diversas cidades brasileiras.

Sendo eventos periódicos que se realizam em espaços públicos, as feiras livres propiciam trocas comerciais de mercadorias, onde os agentes envolvidos visam garantir suas condições de sobrevivência. Partindo da visão de Santos (2008), entende-se que as feiras livres integram parte de circuitos inferiores locais de comercialização, propiciando ainda o escoamento da produção agrícola de determinadas localidades.

Zylbersztajn (2000) destaca que a comercialização pode ser caracterizada como a troca de bens e serviços entre agentes econômicos. Sendo assim, os canais de comercialização e distribuição permitem o fluxo de bens, conduzindo mercadorias do produtor ao consumidor final. Por sua vez, Pamplona (2013, p. 2) destaca que:

O comércio de rua é um fenômeno vigoroso, que resiste há séculos de mudanças econômicas e urbanas e, ao contrário do que se imaginava, não sucumbiu à modernidade capitalista, mas foi alimentado por ela, por suas iniquidades. Nas grandes cidades brasileiras, o comércio de rua envolve diretamente uma quantidade de pessoas – vendedores e clientes – grande demais para ser ignorada.

Neste sentido, as feiras livres apresentam-se como espaços de comercialização com grande potencial, bem como em termos de viabilização do comércio local, geração de ocupações e renda, e de possibilidades de controle sobre a procedência dos produtos (GODOY, 2005).

Por outro lado, Nóbrega e Andrade (2019) enfatizam que as feiras livres se legitimam como lugares de forte intercâmbio cultural e humano, sendo que, a partir de uma perspectiva social, as mesmas se apresentam como elemento atrativo e aglutinador de pessoas, de serviços e de instalações. Neste viés, as feiras livres também são locais que proporcionam amplamente o desenvolvimento da sociabilidade, pois os vínculos sociais que se estabelecem nas relações comerciais tornam-se estreitos. São lugares de vivência, de encontros e de comunicação. São locais que fazem parte da manifestação da cultura brasileira, e ainda, lugares onde se criam uma identidade.

Carlos (2007a, p. 53) destaca que “a rua preserva ainda nos dias de hoje o sentido de encontro, e não apenas um local de passagem e de circulação”. Neste sentido, as feiras livres se caracterizam como locais privilegiados e propícios a manifestação da cultura, que mesmo com a globalização do comércio, conseguem sobreviver até hoje.

A rua como um local propício ao comércio por intermédio das feiras livres, mostra o quão esta prática é importante em tempos que a mesma é banalizada, mas que também se revela como um lugar de manifestação cultural. Neste viés, Siman (2010, p.583) fala que:

O cotidiano da cidade é mais do que uma história do banal, do corriqueiro, é mais do que trânsito intenso e apressado de mercadorias, dos seus transportes, dos homens sendo transportados individual ou coletivamente sobre o traçado físico da cidade.

Na visão de Carlos (2007b) os lugares exprimem-se pelas relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados, evidenciados nos modos de uso, nas condições mais banais, sentidos pensados, apropriados e vividos através do corpo, onde se processa a vida. Assim, as feiras livres que fazem parte da realidade e do cotidiano das cidades brasileiras, devem ser vistas como importantes locais onde são construídos saberes, movimentos e dizeres, formas de agir e de se relacionar, entre outros aspectos. Todas essas características têm como mentores os feirantes e os consumidores, que são os principais agentes sociais desse processo que se manifesta no espaço geográfico.

Em Boa Vista, a feira do Garimpeiro e a feira do Pintolândia reforçam a importância da rua como um local de comércio e não somente de passagem, pois se configuram como espaços de relações econômicas onde a venda de mercadorias variadas aquece o comércio local, e provocam ainda uma dinamicidade na cidade, atraindo pessoas de diferentes localidades e até mesmo de outros municípios próximos à capital, principalmente produtores rurais que realizam esse deslocamento para venderem suas mercadorias.

Nesse sentido, Araújo (2012, p. 52) afirma que:

Inúmeras são as pessoas que se deslocam semanalmente para os núcleos urbanos, oriundos da zona rural ou mesmo de outros centros urbanos, transformando a feira numa efervescência social, caracterizada por uma multiplicidade de sujeitos, com variados eventos, modificando, ainda que por um período curto, a temporalidade da cidade e imprimindo um dinamismo diferente do rotineiro, do habitual.

Portanto, as feiras livres de Boa Vista, foco de estudo dessa pesquisa, além de se configurarem como locais de intensas relações comerciais, também são espaços que se tornam dinâmicos a partir das diferentes relações sociais que se estabelecem, pois modificam a rotina desses espaços. Por fim, destaca-se que, ao ocuparem duas importantes vias de circulação de veículos e de pessoas, as feiras livres supracitadas atendem as necessidades de consumo, estabelecem relações econômicas e sociais, além da geração de empregos.

3 A DINÂMICA SOCIOESPACIAL DAS FEIRAS LIVRES E AS RELAÇÕES SOCIAIS

Os espaços públicos, como é o caso das feiras livres, possibilitam o contato entre indivíduos com diferentes hábitos, comportamentos, interesses e cultura. Nesses ambientes, os diferentes atores se reconhecem e se afirmam, fundamentando assim a noção de território. Santos (2001, p. 96) traz uma conceituação do que seria o território:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. [...] é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre os quais ele influi.

A noção de território se afirma na resignificação dada pelos indivíduos aos espaços que eles ocupam e ao valor que esses espaços representam dentro das relações sociais, onde, dependendo do contexto, é visto como uma forma de resistência, principalmente por permitir a acessibilidade aos produtos e serviços pela classe marginalizada da sociedade, bem como por estabelecer certa personalidade dentro daquela realidade. Com relação a esse aspecto, Miranda (2009) destaca o papel social das feiras, afirmando que elas provêm bens e serviços as pessoas de todas as classes, oferecendo através de um desenvolvimento, oportunidade à cidade, além de estimular outras atividades

na vizinhança e região. Elas são localizadas no espaço da cidade e são consideradas atividades que atraem movimento e dinamismo a esses locais. Esse é o aspecto visível das feiras: a criação de um local dinâmico e muitas vezes surpreendente, onde há inúmeras atividades da comunidade acontecendo e onde há uma fácil mistura e interação entre as pessoas.

No que diz respeito aos espaços públicos compreendidos nas feiras livres, Gonçalves e Abdala (2013) dizem que mais do que simples utilitarismo, elas agregam valores e significados, sendo a sua prática a constituição de um arranjo social, no qual são estabelecidas trocas simbólicas e uma forte sociabilidade, uma afirmação e reafirmação dos laços sociais. Além disso, concepções de mundo, formas de viver e de se relacionar, e todo um sentimento comum estão presentes no apertado corredor da feira, onde encontros e desencontros acontecem.

Assim sendo, a feira enquanto espaço social é percebida pelas afinidades compartilhadas por seus agentes, principalmente pela proximidade e pelas trocas que são possíveis durante esse contato. O sentimento de identidade é desenvolvido neste ambiente, tanto pelos feirantes quanto pelos consumidores. A exemplo disso, destaca-se o sentimento solidário existente entre os feirantes e também as amizades que são estabelecidas entre consumidores e feirantes, que se tornam fatores perceptíveis, sobretudo, nas feiras mais antigas.

Sobre essas relações de amizade e cumplicidade que se criam entre os mais diferentes atores sociais que convivem nestes espaços, e que vão se consolidando ao longo do tempo, isso só é possível devido ao ser humano ser considerado um ser gregário, ou seja, onde a capacidade de se relacionar com o outro é natural. Gonçalves e Abdala (2013, p.11) ao estudarem a sociabilidade de uma feira livre afirmaram que:

No cotidiano desses feirantes, comumente entendido como banal e insignificante, podemos notar, portanto, uma densa rede de sociabilidade; relações que agregam sentimentos de lealdade e solidariedade, formas de perceber e agir no mundo. Sentimentos presentes também no “bate-papo e na conversa fiada” entre feirantes e fregueses, cujo significado ultrapassa o utilitarismo do comércio formal.

A sociabilidade é tecida no âmbito dos espaços públicos e privados, mediante as relações entre os indivíduos e suas capacidades de estabelecerem laços afetivos e sociais com os demais personagens desses cenários, tramando uma ligação harmoniosa com seus semelhantes e convivendo coerentemente com as demais pessoas.

Sendo assim, é possível considerar as feiras livres como espaços de relações sociais, pois as mesmas possuem aspectos culturais que vão se constituindo e adquirindo identidade própria, com regras de convivência e leis próprias que se estabelecem na base da solidariedade e do interesse de seus participantes, e que passa do interesse particular para o coletivo. Por fim, no que diz respeito aos espaços das feiras, Souza et al (2014) afirmam que eles podem ser públicos quando são de livre acesso e privados quando seu trânsito é limitado a determinados indivíduos, como é o caso do espaço interno das barracas dos feirantes.

4 A CIDADE DE BOA VISTA – RR E AS FEIRAS DO GARIMPEIRO E DO PINTOLÂNDIA

Boa Vista, capital do estado de Roraima (figura 01), localiza-se na região Norte do Brasil e possui uma área territorial de 5.687 km². Conforme estimativa do IBGE (2020) sua população é de 419.652 habitantes, com uma densidade demográfica de 49,99 hab./km².

A capital limita-se com Pacaraima ao Norte; Normandia a Nordeste; Bonfim a Leste; Cantá a Sudeste; Mucajaí a Sudoeste; Alto Alegre a Oeste; e Amajari a Noroeste. Além de ser a capital estadual mais setentrional do Brasil, é a única localizada totalmente acima da Linha do Equador e a mais distante de Brasília, capital federal, e de São Paulo, principal metrópole do país (IBGE, 2020).

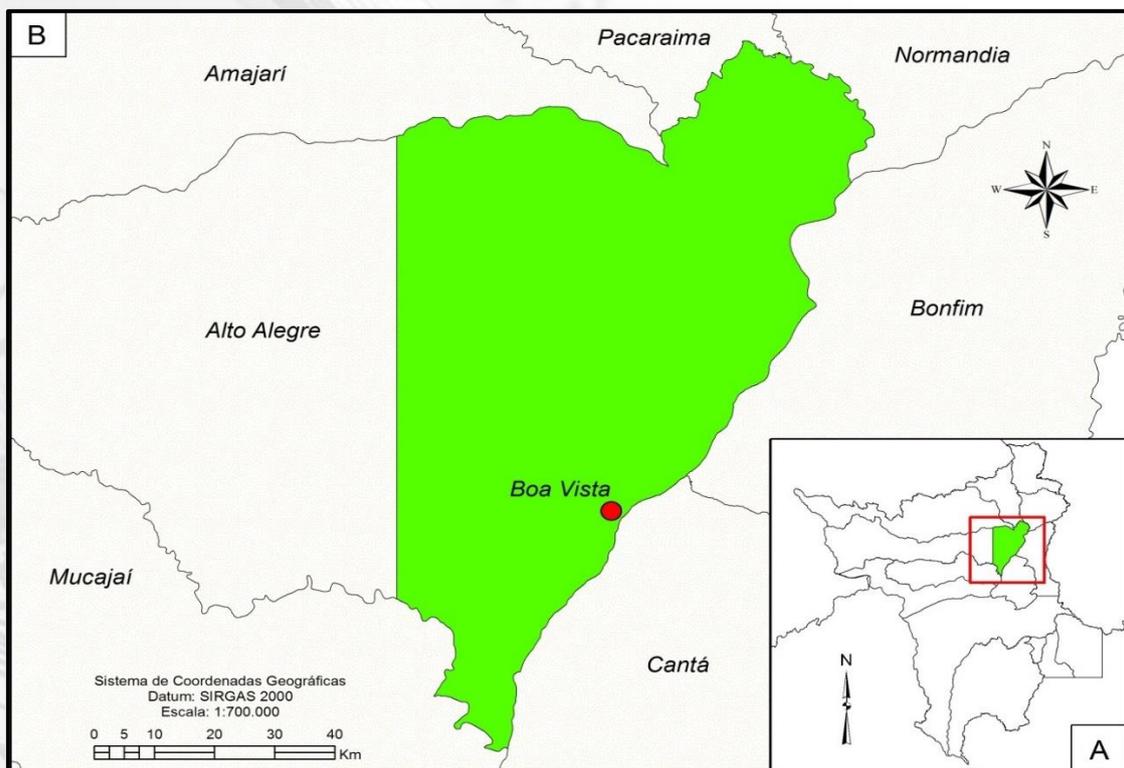
Conforme Ferreira (2015) as feiras livres da cidade de Boa Vista foram criadas pela lei nº 402, de 12 de novembro de 1996, onde as mesmas estão localizadas dentro de subcentros comerciais, e se instalaram em locais de grande circulação de pessoas e fácil acesso da população. As feiras livres atraem uma parcela considerável da população, que se dirigem a esses locais em busca de produtos variados e assim movimentando a economia local.

Em 2015, a prefeitura de Boa Vista assinou o decreto nº 46-E de 29 de abril de 2015, estabelecendo o funcionamento das feiras livres em consonância com as normas que garantem a organização dos serviços e disciplina de suas atividades. O decreto ainda regulamentou as feiras livres da cidade, no sentido de que esses espaços fossem destinados exclusivamente para a venda de hortifrutigranjeiros, artesanatos, pescado, derivados do leite, carnes e produtos alimentícios de consumo imediato (PREFEITURA DE BOA VISTA, 2015b).

Em relação as feiras livres da cidade de Boa Vista e objetos de estudo do presente estudo, elas são consideradas móveis, pois se instalam em suas respectivas localidades

de maneira temporária. Neste sentido, as feiras livres podem ser caracterizadas como móveis ou fixas, sendo consideradas móveis aquelas que se instalam em determinados espaços de maneira temporária, e em determinados pontos da rua de uma cidade. Já as feiras fixas são aquelas que se instalam em locais dotados de infraestrutura, destinados especificamente para essa prática comercial. Assim sendo, não se pode confundir feira móvel com feira fixa.

Figura 01 – Localização geográfica da cidade de Boa Vista-RR



Fonte: IBGE (2011).

Portanto, a seguir serão abordadas duas feiras livres móveis: a feira do Garimpeiro e feira do Pintolândia, buscando descrever aspectos de cunho social, cultural e econômico, bem como a compreensão das características marcantes presentes nas mesmas e sua importância para a economia da cidade. Esses locais fazem parte da rotina dos boavistenses, que assim como os moradores de qualquer outra cidade, já tem como tradição ir às feiras livres, principalmente aos finais de semana.

4.1 Feira do Garimpeiro

A feira do Garimpeiro é uma das mais tradicionais da cidade de Boa Vista, reunindo uma vasta gama de feirantes, consumidores, e, conseqüentemente, fomentando a economia local. No ano de 2015, a prefeitura de Boa Vista padronizou as barracas utilizadas pelos feirantes, para que as mercadorias pudessem ser expostas e organizadas de forma adequada (PREFEITURA DE BOA VISTA, 2015a). Na (figura 02) abaixo é possível observar as características anteriormente descritas:

Figura 02 – Organização da Feira do Garimpeiro em Boa Vista – RR, ao longo da Avenida General Ataíde Teive.



Fonte: Prefeitura de Boa Vista (2020).

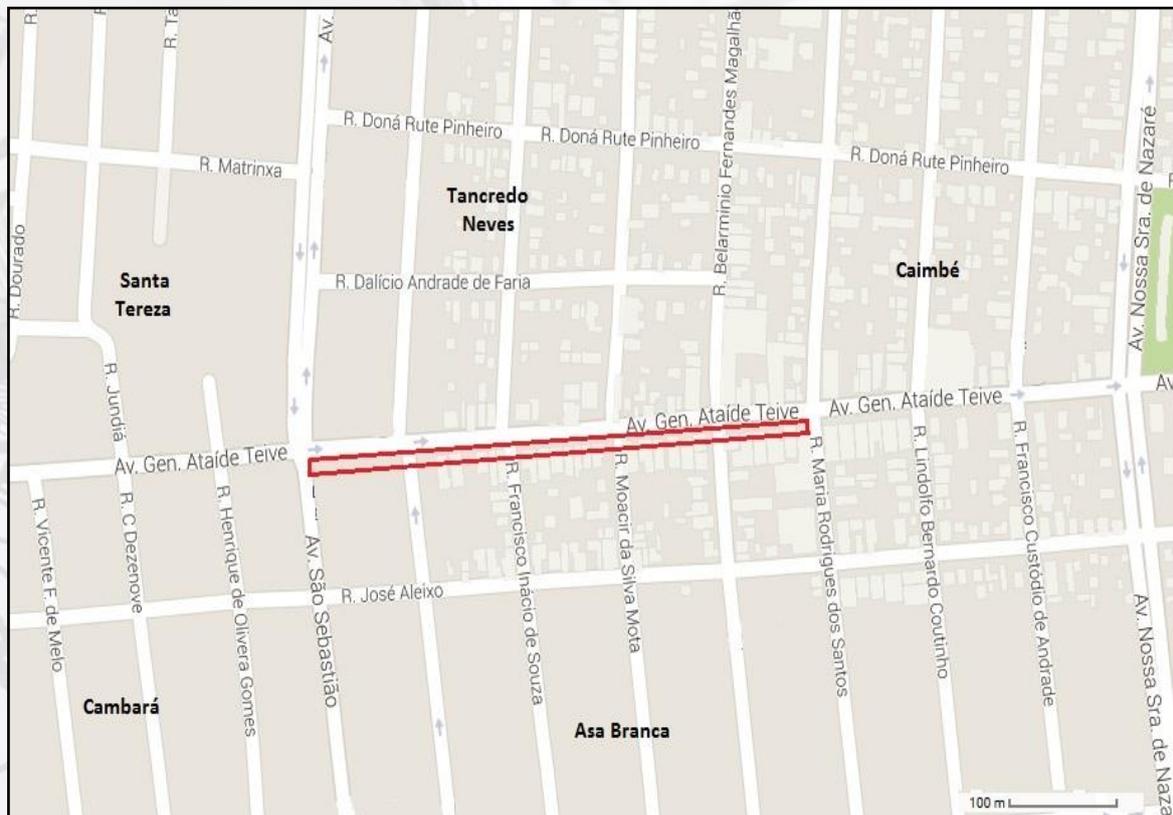
De acordo com Farias e Freitas (2019) a feira localiza-se na Avenida General Ataíde Teive, nas mediações dos bairros Asa Branca, Tancredo Neves e Caimbé, onde funciona há mais de vinte anos, de modo que o comércio local inicial das mediações se concentrou em um pequeno núcleo e o elemento promotor do surgimento da mesma foi a abertura de um supermercado.

Por sua vez, Farias, Veras e Paixão (2014) reforçam que no local onde atualmente se estabelece a feira do Garimpeiro, outrora concentrava-se o abastecimento da população

do bairro Asa Branca e adjacências, tais como, mantimentos e gêneros alimentícios. Os garimpeiros que residiam nessa localidade e/ou aqueles de passagem pelo local, são os que deram origem ao nome atual da feira.

Na (figura 03) a seguir, é possível observar a localização da Feira do Garimpeiro na cidade de Boa Vista-RR e suas respectivas zonas de influência. A faixa em vermelho compreende o espaço que a feira ocupa ao longo da Avenida General Ataíde Teive. E, os nomes dispostos na figura, correspondem as ruas e aos bairros próximos que fazem parte da zona de abrangência da mesma.

Figura 03 – Extensão da feira do Garimpeiro, ao longo Avenida Ataíde Teive, entre os bairros Asa Branca e Tancredo Neves.



Fonte: Imagem adaptada do Google Earth (2020).

A feira do Garimpeiro reúne cerca de 531 feirantes e uma média de 30 mil pessoas circulando pelo local. A mesma funciona aos domingos, das 6h às 13h, sendo que este horário de funcionamento foi estabelecido pela prefeitura, após estudos realizados junto aos feirantes (JORNAL FOLHA DE BOA VISTA, 2015a).

Nesta perspectiva, compreende-se que na feira do Garimpeiro a dinâmica comercial congrega produtos provenientes da produção agrícola, bens de consumo

duráveis e tecnológicos, manufaturados, industrializados, e sobretudo, importados oriundos dos países vizinhos como a Venezuela e Guiana, apresentando uma evolução quanto aos produtos ofertados (FARIAS; FREITAS, 2019).

A partir da visão de Nascimento, Farias e Freitas (2014), nota-se que esta evolução quanto à oferta de produtos na mesma está ligada, inicialmente, ao movimento dos produtores rurais que foram se firmando em torno do supermercado supracitado (elemento promotor do surgimento da feira), pois a partir daí a oferta desses produtos se tornou mais variada. Atualmente, um dos fatores que estão ligados a esse processo é a questão do contrabando de produtos, pois como foi citado anteriormente, diversos itens da Venezuela e da Guiana estão disponíveis para comercialização na mesma.

Em relação ao contrabando, salienta-se que tal prática foi potencializada, principalmente após a migração desenfreada de venezuelanos para o estado de Roraima, em especial, a capital Boa Vista, onde a quantidade de itens contrabandeados em direção à cidade aumentou significativamente, desta forma, tornando a comercialização desses produtos na feira mais intensa.

Neste sentido, foi no contrabando de produtos oriundos de seu próprio país, que muitos venezuelanos enxergaram a oportunidade de terem uma fonte de renda para sobreviver, já que muitos deles ao chegaram em Roraima, não conseguiram se inserir no mercado de trabalho. Assim, vários desses produtos são comprados pelos feirantes por um preço abaixo do mercado, para que posteriormente possam ser revendidos em suas barracas.

Por fim, é importante ressaltar que não somente os feirantes brasileiros, mas também os próprios venezuelanos comercializam esses produtos de procedência irregular na feira, porém, estes não possuem estrutura adequada, e desta forma, utilizam-se de locais improvisados. Muitos deles vendem seus produtos até mesmo em pé e com pouca mercadoria em mãos, e apesar da fiscalização por parte da Prefeitura de Boa Vista para que as normas que garantem a organização e disciplina das atividades sejam mantidas, muitos estrangeiros, em especial venezuelanos, ainda conseguem driblar tais ações.

4.2 Feira do Pintolândia

A feira do Pintolândia foi criada no ano de 2011, e juntamente com a feira do Garimpeiro são as feiras livres de rua mais importantes da capital boavistense. No que se refere à sua origem, a mesma surgiu a partir de quatro feirantes que montaram suas

barracas na esquina da Avenida Raimundo Rodrigues Coelho com a antiga rua S 2 (atual Pedro Aldemar Bantim). Conforme matéria do Jornal Folha de Boa Vista (2015a), as feiras do Pintolândia e do Garimpeiro foram as primeiras feiras livres de rua a serem regulamentadas pela prefeitura de Boa Vista.

Assim como ocorreu com a feira do Garimpeiro, o horário de funcionamento da mesma também foi estabelecido pela prefeitura em consonância com os feirantes, que vai das 6h às 13h, todos os sábados, e encontram-se cadastrados na mesma cerca de 380 feirantes. Entretanto, o curioso é que foi construído um local específico para que esses feirantes usufríssem de um local mais estruturado e organizado, porém, os mesmos abriram mão do novo local, como reforça Ferreira (2015, p.142):

Mesmo sendo construído um local específico para esses feirantes no Mercado na Rua Laura Pinheiro Maia, esses feirantes se abdicaram dessa estrutura para poder comercializar seus produtos no local que é conhecido hoje. Com a estrutura fornecida pela Prefeitura de Boa Vista como barracas padronizadas e apoio da Guarda Municipal, Secretaria Municipal de Trânsito, Empresa Municipal de Urbanismo e Habitação, a Secretaria Municipal de Gestão Social e a Secretaria de Gestão Ambiental Municipal e Assuntos Indígenas de Boa Vista, a feira acontece de forma organizada e tranquila.

Sobre esse processo de recusa ou resistência dos feirantes em relação à estrutura disponível no Mercado Municipal Laura Pinheiro, Nascimento, Farias e Freitas (2014) explicam que o local onde se pretendia comportar os feirantes não vingou por se apresentar como um mercado aberto, fato que levou o local a ficar em desuso.

Atualmente, o local onde se localizava o Mercado Municipal Laura Pinheiro deu lugar a praça de eventos Aderval da Rocha Ferreira. Em julho de 2014, o Ministério Público de Roraima (MPRR) propôs em ação civil pública contra a Prefeitura de Boa Vista a reforma do referido mercado municipal. O pedido foi aceito e determinado pela Justiça, dando o prazo de até 180 dias para que a prefeitura realizasse a obra, sob pena de multa. Porém, no mesmo ano, a Prefeitura de Boa Vista, por meio da Secretaria Municipal de Obras e Urbanismo, afirmou que realizou estudos sobre a estrutura do local e chegou à conclusão de que o prédio deveria ser demolido, pois a sua estrutura estava comprometida e apresentava riscos à segurança. Por esse motivo, o mercado deveria ser demolido, o que acabou acontecendo em junho de 2016 (JORNAL FOLHA DE BOA VISTA, 2015b).

Na feira do Pintolândia, assim como na Feira do Garimpeiro, também encontram-se produtos das mais diversas origens, principalmente da produção agrícola. Ainda é

possível encontrar bens de consumo duráveis e tecnológicos, manufaturados, industrializados e importados. Outro ponto importante que se nota, é que nesta feira é constante a presença de produtos oriundos de países vizinhos, tais como Venezuela e Guiana, pois como já vimos anteriormente, estes entram em nosso estado de maneira clandestina. Geralmente são produtos de primeira necessidade. Na (figura 04) a seguir, temos a organização, bem como a comercialização de produtos na mesma.

Figura 04 – Organização da Feira do Pintolândia em Boa Vista – RR.



Fonte: Prefeitura de Boa Vista (2020).

A figura 05, a seguir, expõe a localização da Feira do Pintolândia, onde a faixa em vermelho compreende toda a área da Rua Pedro Aldemar Bantim que é ocupada pela mesma. A Avenida Raimundo Rodrigues Coelho e a Rua Izídio Galdino da Silva são as vias que definem o limite da feira.

social de um grupo de pessoas que buscaram no comércio informal, inicialmente, um meio de sobreviver no espaço urbano, ou ainda como forma de escoamento da produção de excedentes agrícolas, por outras vias que não a dos supermercados ou dos atravessadores. Com o passar dos anos e o crescimento desse tipo de trocas comerciais, o papel do poder público foi determinante para a regulamentação das feiras livres, como é o caso das feiras do Garimpeiro e Pintolândia, pois além de promover a padronização das barracas de feirantes, limpeza e organização, surge aí uma oportunidade para se conseguir captar tributos vinculados aos postos de trabalhos, desde os informais, como no caso de ajudantes de feirantes, como também na contratação de pessoas ligadas à fiscalização, entre outros.

Nesta perspectiva, estes espaços são importantes para a economia urbana, pois movimentam o comércio local e regional, e proporcionando ainda a interação de pessoas de diferentes pontos da cidade que buscam algo em comum, geralmente bons preços e variedades de produtos. Além desses aspectos, é preciso pensar a feira num contexto histórico, e reconhecer suas mudanças de acordo com os avanços do sistema capitalista.

As feiras, ainda que menores em tempos remotos, sofreram mudanças estruturais e também foram ressignificadas ao longo do tempo, de modo que se reinventassem e se adequassem às necessidades de seus frequentadores, oferecendo muito mais que gêneros alimentícios, mas também agregando novos produtos como artigos de vestuários, utensílios de cozinha, pequenos serviços de reparos (principalmente reparos de panelas), ou seja, uma gama muito maior de produtos e serviços, desde sua origem.

Portanto, as feiras são espaços culturais representados nos produtos oferecidos pelos feirantes e também no modo como estão organizadas, o que as enquadram também como espaços de atração turística em algumas cidades. Portanto, caracterizam-se por serem espaços de trocas sociais entre diferentes pessoas, não apenas da mesma cidade, mas de outros estados, outros países.

No caso da feira do Garimpeiro e feira do Pintolândia, na cidade de Boa Vista-RR, estas foram se consolidando ao longo do tempo e ganhando corpo, e atualmente são importantes locais onde se estabelecem relações comerciais, através da comercialização de diversos produtos. Algumas ações realizadas por parte da prefeitura de Boa Vista também foram importantes, como é caso da padronização das barracas e organização das feiras em si, pois locais bem organizados, limpos e onde os produtos são acomodados e expostos de maneira mais adequada, tendem a agradar mais aos consumidores que se deslocam até esses locais.

Em relação à lógica capitalista, esta também influenciou nos produtos e serviços disponíveis nessas respectivas feiras livres, já que é marcante a presença de diversos produtos venezuelanos e guianenses que “disputam” lugar com produtos nacionais, pois são comercializados por um preço bem mais acessível, se comparados aos produtos nacionais.

A feira do Garimpeiro e do Pintolândia se consolidaram ao longo do tempo como importantes locais onde ocorre a circulação de mercadorias e pessoas. Além disso, é preciso ressaltar que estas proporcionaram o estabelecimento de novas dinâmicas socioespaciais, já que são locais estratégicos para a comercialização de produtos do campo e de outra natureza.

Ressalta-se ainda o quão importante são as feiras do Garimpeiro e do Pintolândia, principalmente no que se refere à dinâmica socioespacial e econômica, pois mantêm viva as tradições que envolvem essa importante atividade econômica para a cidade, promovendo o deslocamento de milhares de pessoas aos finais de semana, das mais diferentes regiões da cidade.

Em Boa Vista, essas duas feiras livres se configuram como importantíssimos espaços destinados à comercialização de produtos, pois nelas existem toda uma dinâmica socioespacial e econômica e que atende às necessidades específicas da população, principalmente das classes menos favorecidas. Reforçando este pensamento, Ferretti (2000, p. 63) diz que “enquanto persistirem as atuais desigualdades de distribuição de rendas entre a população brasileira e de desenvolvimento nas diversas áreas geográficas do país, a feira é uma instituição necessária”.

Outro aspecto de suma importância e dentro da lógica socioespacial e econômica de ambas as feiras livres supracitadas, é a questão do contrabando de mercadorias, que promoveu a entrada de uma nova variedade de produtos, além da inserção de venezuelanos e também guianenses, que vendem seus produtos sem estrutura adequada para tal atividade. Em décadas passadas, esta não era uma realidade tão acentuada em nessas feiras, já que a presença de estrangeiros vendendo mercadorias era muito pequena.

Portanto, a partir dessa realidade anteriormente citada e presente nas duas feiras livres até aqui estudadas, concebe-se que esses espaços também se caracterizam como locais dotados de sociabilidade, estando além das trocas estritamente comerciais, pois proporcionam ainda trocas culturais e interações sociais dificilmente encontradas em outros locais, seja no centro comercial da cidade ou nos shoppings.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. P. N. C. **Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG.** 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Universidade de Montes Claros, Montes Claros-MG, 2009. Disponível em: <<http://www2.fe.usp.br/~etnomat/teses/fazendo-a-feira.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2020.

ARAÚJO, G. A. F. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007).** 2012. 700f. Tese (Dourado em História Social e História Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em História Social/Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2012. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/19709>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

BARBOSA, A. M. F.; SOUSA FILHO, J. A.; SOUZA, R. M. **Dinâmica espacial e a formação da feira livre em Demerval Lobão-Piauí-Brasil.** Revista Geográfica de América Central, Costa Rica, número especial, p. 1-15, jul. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2278>>. Acesso em: 20 set. 2020.

BRASIL. **Estatuto da Cidade e Legislação Correlata:** Lei no 10.257, de 10 de julho de 2001. 3 ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70317/000070317.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2020.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo: FFLCH, 2007a.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Labur edições, 2007b.

COELHO, J. D. **Feiras livres de Cascavel e de Ocara: caracterização, análise da renda e das formas de governança dos feirantes.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2009.

COSTA, M. R.; SANTOS, D. M. **Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo.** Geosaberes, Fortaleza, v. 6, n. 3, p. 653-665, fev. 2016. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/512/486>>. Acesso em: 18 set. 2020.

FARIAS, M. C; FREITAS, P. R. C. Traços culturais da paisagem de Boa Vista/RR: O bairro Asa Branca e a contribuição da migração nordestina da década de 1980. In: ALBUQUERQUE, C. V. **Coletânea de artigos Patrimônio Cultural de Roraima.** Boa Vista: IPHAN-RR, 2019.

FARIAS, M. V. A.; VERAS, A. S. S.; PAIXÃO, S. U. A. **Caracterização socioeconômica e espacial do subcentro comercial da Avenida Ataíde Teive em Boa Vista-RR.** Revista textos e debates. Boa Vista, n. 19, p. 121-141, 2013. Disponível em: <<https://revista.ufrn.br/textosedebates/article/view/1190/965>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

FERREIRA, M. A. A. **Comércio formiga fronteiroço entre Venezuela e Brasil**. 2015. 207f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteira) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista-RR, 2015.

FERRETTI, M. Feiras Nordestinas: estudos e problemas. In: FERRETTI, S. (org.). **Reeducando o Olhar**: estudos sobre feiras e mercados. São Luís/MA: Edições UFMAPROIN, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GODOY, W. I. **As Feiras-livres de Pelotas sob o Império da Globalização**: Perspectivas e Tendências. 1 ed. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2005.

GONÇALVES, A. O.; ABDALA, M. C. “**Na Banca Do ‘Seu’ Pedro É Tudo Mais Gostoso**”: Pessoaalidade e Sociabilidade na Feira-Livre. Ponto Urbe (online), São Paulo, n. 12, p. 1-18, jul. 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/528>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de Boa Vista, Roraima**. 2011. Disponível em: <<https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#homepage>>. Acesso em: 20 set. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 set. 2020.

JORNAL FOLHA DE BOA VISTA. **Boa Vista terá feiras livres 100% legalizadas**. 2015a. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/Boa-Vista-tera-feiras-livres-100-legalizadas/6906>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

JORNAL FOLHA DE BOA VISTA. **Justiça determina reforma, mas PMBV afirma que demolição é a única saída**. 2105b. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/Justica-determina-reforma--mas-PMBV-afirma-que%20demolicao-e-a-unica-saida/9122>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

JORNAL FOLHA DE BOA VISTA. **Novas feiras livres estão em fase experimental**. 2018. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Novas-feiras-livres-estao-em-fase-experimental/43244>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. **Feira Livre**: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. Revista Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 2, n. 2, p.72-87, ago. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/viewFile/4710/3971>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

MIRANDA, G. M. S. **A feira na cidade**: limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB). 2009. 189f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3220/1/arquivo2487_1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

MORELLI, M. B. **Vá Pra Feira: Um Projeto de Incentivo ao Uso do espaço Público.** São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Escola da Cidade, 2011.

NASCIMENTO, C. H.C.; FARIAS, M. C.; FREITAS, P. R. C. **Traços culturais da paisagem de Boa Vista/RR: o bairro Asa Branca e a contribuição da migração nordestina da década de 1980.** In: Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto – Desafios e Perspectivas, 3., 2014, Belo Horizonte. *Anais...*Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://www.academia.edu/RegisterToDownload/BulkDownload>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

NÓBREGA, P. R. C.; ANDRADE, G. S. **Análise das dinâmicas socioespaciais na feira de Senhor do Bonfim – BA: dilemas entre o espaço de produção, circulação e consumo e a simultaneidade de múltiplas escalas geográficas.** In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia, 13., 2019, São Paulo. *Anais...*São Paulo: ANPEGE, 2019. Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2019/site/anais2?AREA=59>>. Acesso em: 20 set. 2020.

PAMPLONA, J. B. **Mercado de trabalho, informalidade e comércio ambulante em São Paulo.** Revista. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 225-249, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v30n1/v30n1a11.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

PREFEITURA DE BOA VISTA. **Prefeitura regulariza feiras livres de Boa Vista.** 2015a. Disponível em: <<https://www.boavista.rr.gov.br/noticias/2015/05/prefeitura-regulariza-feiras-livres-de-boa-vista>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

PREFEITURA DE BOA VISTA. **Decreto nº 46 - E de 29/04/2015, que regulamenta as Feiras Livres no Município de Boa Vista e dá outras providências.** 2015b. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=284743>>. Acesso em: 27 set. 2020.

PREFEITURA DE BOA VISTA. **Prefeitura de Boa Vista suspende atividades das feiras livres até dia 31.** 2020. Disponível em: <<https://www.boavista.rr.gov.br/noticias/2020/03/comunicado-prefeitura-de-boa-vista-suspende-atividades-das-feiras-livres-ate-dia-31>>. Acesso em: 20 set. 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **O espaço dividido.** 2 ed. 1 reimp. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2008.

SIMAN, L. M. C. Entre o asfalto e a terra: a fecundidade educativa do cotidiano poético da cidade. In: DALBEN, Â. I. L. F. et al. (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, D. H. B. et al. **Feira livre e cultura popular: espaço de resistência ou de subalternidade?.** In: Congresso Brasileiro de Geógrafos, 7., 2014, Vitória–ES. *Anais...*Vitória–ES: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2014. Disponível em:

<<http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404426677>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

ZYLBERSZTAJN, D. Economia das Organizações. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000.
